

REDAÇÃO E TECNOLOGIAS NA ESCRITA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Poliana Ernst Silva¹⁹¹
Karen Alves Andrade¹⁹²

INTRODUÇÃO

A linguagem é a base da comunicação humana, e a escrita se destaca como uma modalidade fundamental de expressão e, também, compreensão do mundo. Ou seja, saber expressar-se por meio de signos gráficos é crucial para que um sujeito possa ser entendido e reconhecido em seu meio social, mesmo em um tempo em que a textualização muitas vezes apresenta-se, principalmente no âmbito virtual, precária. Nesse sentido, a trajetória escolar é um fator determinante para o sucesso da escrita dos alunos desde os anos iniciais até o Ensino Médio, onde a capacidade de argumentar e analisar criticamente a realidade é posta à prova.

A tecnologia transformou as práticas comunicativas. No ensino de LP essa imersão tecnológica apresenta tanto ferramentas desafiadoras quanto facilitadoras. A redação, que antes era um processo essencialmente particular e que partia de materiais em sua maioria físicos, agora incorpora “linguagens da internet”, utilizadas corriqueiramente. Assim, tal prática levanta questionamentos sobre seu impacto direto diante dos métodos pedagógicos e dos resultados encontrados nas produções escritas em sala de aula.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é um exemplo claro da importância da produção escrita, pois é um fator decisivo para o ingresso de muitos estudantes no ensino superior. O sucesso ou o fracasso em exames como o ENEM ressaltam a complexidade que é um evento comunicativo escrito, que exige não apenas conhecimento linguístico, mas também cognitivo, enciclopédico e discursivo, além das mais variadas práticas sociais escritas.

Tendo isso em vista, este trabalho busca analisar a relação entre as produções escritas presentes em sala de aula no ensino de LP com o impacto das tecnologias nesse processo. Com base nos trabalhos de Cortês (2023) e Souza e Gamba Jr. (2002) que refletem tanto sobre as práticas linguístico-discursivas que compõem uma redação, quanto sobre o impacto das tecnologias neste cenário, o objetivo geral deste estudo foi desdobrar uma discussão sobre as dificuldades dos estudantes na produção textual considerando, como já dito, o impacto das tecnologias no processo educativo. Deste modo, o presente estudo visa contribuir para uma reflexão crítica sobre o impacto das tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem de práticas escritas linguístico-discursivas, ou seja, da redação.

¹⁹¹ Licenciada em Letras pelo Centro Universitário Claretiano. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Jales - UNIJALES. Bacharel em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória - UNIUV. Pós Graduada em Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. poliernst@yahoo.com.br

¹⁹² Graduada em Letras, Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do IFPR - Campus Londrina. karen.moscardini@ifpr.edu.br

1 METODOLOGIA

Este trabalho tem caráter qualitativo e descritivo com caráter exploratório, tal qual propôs Gil (2002). Para atender ao objetivo central do trabalho, qual seja, a problematização frente à redação versus as tecnologias na escrita, o estudo procedeu à análise de artigos relacionados ao tema. A seleção dos artigos foi realizada a partir do banco de dados Google Acadêmico, com a busca das seguintes palavras-chave: *plataformização, redação e tecnologias na educação*, combinadas entre si. Os textos selecionados estão publicados em anais de eventos e na Revista Brasileira de Educação, e a seleção dentre os artigos listados na busca foi feita a partir da relevância de seu conteúdo para promover a discussão proposta neste trabalho, por meio da análise dos títulos e leitura dos resumos.

A análise, por sua vez, tem caráter interpretativo-crítico, a partir dos pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa e de autores que discutem sobre a importância da escrita como prática linguístico-discursiva e como ferramenta de transformação social.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho pauta-se em obras de cunho bakhtiniano, o que implica uma reflexão que envolve a natureza da linguagem (escrita) articulada ao contexto social. Nesse sentido, autores como Faraco (2003), Feitosa (1991), Bottega (2002) e Brait (1997), além de documentos norteadores, tais como a BNCC (2018) e as PCNs (2000), foram materiais fundamentais para esta análise.

A comunicação é vital para a vida em sociedade e a escrita é um dos principais instrumentos para tornar um sujeito atuante em seu meio social. No sentido da modalidade escrita, a Língua Portuguesa possui um vasto conjunto de regras que devem ser aplicadas em sua produção, conferindo à mensagem uma forma e um corpo, uma estrutura. No contexto educacional, o ensino de LP e de Matemática consome a maior parte da carga horária escolar, pois considera-se que o domínio de tais áreas pode implicar a construção de um sujeito alfabetizado e letrado, e desse modo, impactar em seu desempenho e interação no meio social.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino de LP deve desenvolver habilidades para a compreensão e produção de gêneros textuais, reconhecendo as funções da linguagem - nota-se aí a presença da obra de Bakhtin. O texto, portanto, é central no processo educativo, e, ao se correlacionar aos diferentes contextos de produção e ao uso significativo da linguagem, pode produzir um sujeito letrado. No entanto, problematiza-se que a prática escrita diante dos novos meios digitais, mesmo com as vastas possibilidades que estas mídias oferecem, apresenta lacunas e muitas vezes atrapalha a produção própria, singular do aluno.

As aulas de Língua Portuguesa, portanto, integram Gramática, Literatura e Produção Textual, na busca de formar um elo para a compreensão e para as diferentes produções comunicativas. O professor, nesse cenário, é o agente propulsor desse aprendizado. Contudo, quando o aluno vê suas produções apenas como meio de obter a pontuação necessária para o encerramento de um ciclo, o processo educacional fica reduzido. A redução, nesse sentido, está na

impossibilidade do processo de ensino-aprendizagem em capacitar esse aluno a ser um agente de mudança em seu meio através da possibilidade de, enquanto letrado, analisar e atuar de forma crítica em seu contexto social. Nisto reside a importância desta discussão, uma vez que é crucial que o educador vá além da exposição do conteúdo, contextualizando a importância de produzir textos com sentido e de cunho linguístico-discursivo crítico, valorizando e potencializando assim as habilidades de produção discursiva do aluno.

Enquanto trajetória escolar, o percurso do Ensino Fundamental culmina no Ensino Médio, e as exigências de provas como o ENEM, vestibulares e Processos Seletivos Seriados (PSS) demandam uma produção escrita enquanto elemento central de avaliação. A redação, portanto, é fundamental para a formação escolar, para a capacidade discursiva e também para o desenvolvimento do estudante enquanto agente social.

O ENEM, por sua vez, é uma ferramenta democrática de acesso ao ensino superior e exige uma produção textual dissertativo-argumentativa sobre temas socioculturais. A redação é primordial, pois não basta gabaritar questões objetivas. O estudo da LP para a produção escrita pode se tornar um desafio, especialmente diante da percepção de que "falam" mais os números e os dados estatísticos do que a própria escrita. O sistema de avaliação do ENEM, com suas cinco competências e o "Guia do Participante", busca orientar os estudantes quanto a essa importância, mas, no entanto, dados do Paraná mostram que, apesar da diminuição no número de participantes entre 2019 e 2023, os problemas relacionados à inadequação do gênero textual na redação aumentaram, indicando que a plataforma ainda não se traduz em eficiência notável no ensino da redação.

Atualmente, a tecnologia é quase indissociável da vida humana e a comunicação ocorre amplamente através dela. Os processos educacionais têm buscado incluir a tecnologia de forma "benéfica", mas a praticidade oferecida por ferramentas como a Inteligência Artificial (IA) e plataformas de produção textual (ex: Chat GPT) demonstram muitas vezes invalidar as capacidades, habilidades e o raciocínio lógico nas produções dos estudantes. Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientem a inclusão da tecnologia, o desafio é garantir que os alunos não apenas usem os recursos, mas mantenham sua própria produção e criticidade. Dessa forma, as produções escritas, como as do ENEM, cuja correção ainda é manual e humana, revelam a realidade do ensino de LP no país de forma mais fidedigna do que os "números" gerados pelas plataformas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos selecionados e analisados neste trabalho foram os trabalhos de Cortês (2023) e de Souza e Gamba Jr. (2002).

No primeiro estudo, Cortês (2023) expõe o vasto uso de plataformas digitais na Rede Estadual do Paraná, onde o ensino tradicional com livros didáticos é substituído por aulas pré-determinadas, plataformas para leitura, tarefas e redação. No caso da redação, sua correção é automática e restringe o papel do professor no feedback e na atribuição de notas. Isso resulta na exclusão do trabalho significativo do professor, humano, que precisa "concorrer" com as tecnologias e ainda ser cobrado por metas numéricas, não qualitativas. Levanta-se, a partir do trabalho de

Cortês (2023) uma questão sobre o papel do professor no desenvolvimento de um aluno com possibilidade de se tornar um agente crítico de seu meio social.

O segundo estudo, de Souza e Gamba Jr. (2002), aborda as preocupações de autores como Walter Benjamin (Benjamin *apud Souza e Gamba Jr, 2002*) que, por sua vez, produz uma reflexão a partir da filosofia de Platão. A partir disso, o autor aborda a dispersão da escrita diante das novas formas de produção, refletindo sobre o uso excessivo das tecnologias enquanto "alegorias", ou seja, um novo aprisionamento que as tecnologias produzem naqueles que necessitam escrever. Embora os autores, após refletirem com Benjamin (1996), reconheçam a facilidade do público jovem com os meios tecnológicos. O texto aponta também para a falta de criticidade nessas ferramentas, ou seja, o uso não é acompanhado de uma análise concreta de seus efeitos não apenas na produção em si, mas também no impacto para o desenvolvimento daquele que escreve.

Em um país com tamanha diversidade e também com tamanha desigualdade de oportunidades, a tecnologia pode sugerir que conteúdos educacionais alcancem locais antes não atendidos, mas apenas o acesso não garante o aprendizado concreto - precisa de um "outro" agente nesse cenário, destacando aqui o papel do professor que promove esse aprendizado/desenvolvimento.

Deve-se ressaltar que, sim, a tecnologia e a internet oferecem muitas possibilidades: novos suportes, plataformas digitais e aplicativos que potencializam a educação. A relação, porém, deveria ser de soma e não substituição, pois embora essas ferramentas ofereçam ferramentas facilitadoras, a qualidade da produção textual dentro desses meios ainda é submetida a um processo "não-humano", ou seja, reduzido da complexidade e daquilo que apenas o ser social pode produzir. Além disso, há uma relação de dependência de corretores automáticos que prejudica a compreensão da estrutura textual e o desenvolvimento da produção e senso crítico.

No Paraná, a plataformização do ensino é uma realidade. Cortês (2023) aponta que esse recurso ao invés de auxiliar no ensino-aprendizagem, tornou-se o método exclusivo, impulsionado por metas que precisam ser atingidas pelos professores, independentemente das condições estruturais ou do contexto de aprendizagem. Isso dificulta a efetivação do sucesso do aluno na produção manual do texto.

Considera-se que soluções para uma prática eficiente devem ser tema relevante para as diretrizes estaduais/nacionais em relação ao processo de ensino-aprendizagem de LP, visando garantir o direito a uma educação de qualidade. A plataformização aplica a tecnologia, mas nem sempre cumpre seu papel principal de formar cidadãos capazes de analisar criticamente a realidade. Assim, ambos os artigos revelam que a tecnologia, a princípio, não cumpre sua função de contribuir efetivamente para o aprendizado da Língua Portuguesa e da Redação. Há uma clara disparidade entre o controle de dados obtidos e a função efetiva na educação.

CONCLUSÃO

A dificuldade na produção textual dos alunos é uma realidade que tem se agravado com a aplicação de recursos digitais e plataformas. Embora essas ferramentas se alinhem ao currículo, elas não se efetivam na prática. Desse modo,

considera-se que o ensino de Língua Portuguesa, com foco na produção textual, necessita, ainda, de reflexões e reformulações.

Além disso, as análises apontaram que a tecnologia, com seus aplicativos e ferramentas livres, tem prejudicado o ensino da escrita, pois estimula a não produção própria do aluno, questionando a autoria e impedindo a efetivação de um ensino crítico e transformador da realidade. Portanto, conclui-se que é fundamental a continuidade de pesquisas que forneçam análises para o progresso da educação como potencializadora de sujeitos que possam ser futuros agentes transformadores da realidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Org. Beth Brait. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BOTTEGA, R. M. D. A produção de textos na escola: pressupostos e possibilidades. *Revista da Educação – EDUCERE*, v. 2, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio*. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Microdados Enem*. Brasília, DF: Inep, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/enem>. Acesso em: 7 maio 2025.

CORTÊS, A. O novo ensino médio e plataformização do ensino de Língua Portuguesa no estado do Paraná. In: *Anais do 5º ESTAGIAR – Encontro do Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa*, 2023. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/estagiar/article/view/2264>. Acesso em: 7 maio 2025.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Oficina de texto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FEITOSA, V. C. *Redação de textos científicos*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

GEDRAT, D. C. *Língua portuguesa: introdução aos estudos semânticos*. Curitiba, PR: InterSaberes, 2013.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SOUZA, S. J.; GAMBA, N. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/fwDd54csq46LcvLJsLLhwBC/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 7 maio 2025.